

Artigo

Hibridizações entre Matéria e Vida: Atividades de Extensão na Baía de Todos os Santos

Rossini, I.; Araújo, M. C. P.; Correia, M. G. M.; Ribeiro, N. M.*

Rev. Virtual Quim., 2012, 4 (5), 517-533. Data de publicação na Web: 26 de setembro de 2012

<http://www.uff.br/rvq>

Hybridization Between Matter and Life: Extension Activities in Todos os Santos Bay

Abstract: This article aims to inform and reflect on the extension activities undertaken by the Todos os Santos Bay Project (BTS Project). This project has a multi-institutional and multidisciplinary character, migrating to a transdisciplinary action, and allows an investigative exploration of extension activities. For long-lived period of three decades, it will promote the work in the vast territory circumscribed to the outskirts of Salvador, Bahia, or along Todos os Santos Bay. The objective of this paper is to present an extension activity of this project, contextualizing them in the environment in which they are performed, while there are presented considerations on the multidisciplinary nature of these actions, towards transdisciplinarity. Two activities were selected to be presented in detail: the writing workshops and the photography workshops. The text shows an overview of the extension activities of the BTS Project and concludes by presenting the principles that guided them.

Keywords: Todos os Santos Bay Project; transdisciplinarity; cities at the Todos os Santos Bay; extension activities.

Resumo

Este artigo visa a informar e refletir sobre as atividades de extensão desenvolvidas pelo Projeto Baía de Todos os Santos. O projeto Baía de Todos os Santos (BTS), de caráter multi-institucional e multidisciplinar migrando para uma atuação transdisciplinar, abre espaço para a exploração investigativa de atividades extensionistas. Por período longo de três décadas, possibilitará atuação no vasto território circunscrito às cercanias de Salvador-BA, mais especificamente às margens ou relacionadas à BTS. O objetivo do texto é apresentar as atividades de extensão deste projeto, contextualizando-as no ambiente em que estão inseridas, ao mesmo tempo são tecidas considerações sobre o caráter multidisciplinar rumo à transdisciplinaridade destas ações. Foram selecionadas duas atividades para serem apresentadas em detalhes: as oficinas de produção textual e as oficinas de fotografia. O texto mostra o panorama de ações extensionistas do projeto BTS e conclui apresentando os princípios que as norteiam.

Palavras-chave: Projeto Baía de Todos os Santos; transdisciplinaridade; cidades na Baía de Todos os Santos; ações de extensão.

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Salvador, Rua Emídio dos Santos, s/n, Barbalho, CEP: 40301-015, Salvador-BA, Brasil.

✉ nubia@ifba.edu.br

DOI: [10.5935/1984-6835.20120041](https://doi.org/10.5935/1984-6835.20120041)

Hibridizações entre Matéria e Vida: Atividades de Extensão na Baía de Todos os Santos

Igor Rossini,^a Maria da Conceição P. Araujo,^b Maria das Graças M. Correia,^c Nubia M. Ribeiro^{b,*}

^a Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Campus Ondina, Rua Barão de Jeremoabo, 147, CEP: 40170-290, Salvador-BA, Brasil.

^b Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Salvador, Rua Emídio dos Santos, s/n, Barbalho, CEP: 40301-015, Salvador-BA, Brasil.

^c Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Campus Universitário, Avenida Transnordestina, s/n, MT 72, CEP: 44036-900, Feira de Santana-BA, Brasil.

* nubia@ifba.edu.br

Recebido em 16 de agosto de 2012. Aceito para publicação em 28 de agosto de 2012

1. Introdução
2. Indicadores do cenário regional
3. Educação para relação digna com a vida
4. A imagem como representação e transcendência da matéria
5. Considerações finais

1. Introdução

Poucos períodos da humanidade apresentaram tão forte convite à confluência entre culturas, povos e costumes como a época atual. Em meio a esta diversidade, ao chamado à aceitação da vida diversa como ela é, sem compromisso com a tentativa de reduzi-la à uniformidade, surge a pergunta: em que medida a atividade acadêmica, que se assenta nos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão, nos traz oportunidades para viver bem neste mundo de misturas, dinâmicas e volatilizações?

Este artigo traz relatos de uma dessas oportunidades que a vida acadêmica proporciona, dissolvendo fronteiras entre o pensar, o sentir e o fazer. Esta oportunidade se concretizou porque um pequeno grupo de pesquisadores da área de química manteve por vários anos dedicação a pesquisa, cultivando também a expectativa de que as práticas de ensino e pesquisa vencessem os muros da Academia e fossem compartilhadas com a sociedade em geral. A química, ciência que não se satisfaz apenas com explicar os processos da matéria, mas que também a transforma, forneceu o ambiente adequado para que estas expectativas se materializassem. À medida que a própria ciência e os desafios que a ela se

apresentavam foram demandando abordagens multidisciplinares, o grupo se ampliou, atraindo pesquisadores de outras áreas do conhecimento. O projeto Baía de Todos os Santos (BTS) surgiu nesta fase em que o grupo já congregava pesquisadores com formações distintas, com atuação em áreas diversas, com perspectivas e abordagens variadas e que utilizam vários métodos e bases epistêmicas.

Atualmente o projeto BTS encontra-se em uma transição rumo a uma prática transdisciplinar, e o presente artigo visa a informar e refletir sobre as atividades de extensão desenvolvidas pelo projeto. Segundo Gibbons e colaboradores,¹ pode-se dizer que na contemporaneidade a produção do conhecimento pode dar-se de dois modos: o Modo 1 e o Modo 2. O Modo 1 é o modo tradicional, no qual o conhecimento é gerado num contexto disciplinar, e os problemas são definidos e resolvidos num contexto regido, em grande parte, pelos interesses da comunidade específica.¹ E o Modo 2 é uma nova forma de produção de conhecimento que tem cinco princípios característicos: (1) produção do conhecimento no contexto de aplicação; (2) transdisciplinaridade; (3) heterogeneidade e diversidade organizacional; (4) responsabilidade social e reflexividade; (5) controle de qualidade. Assim, esta nova forma de produção de conhecimento – para a qual o projeto BTS se dirige – tem a transdisciplinaridade como uma de suas características.¹

Ainda segundo Gibbons e colaboradores,¹ a transdisciplinaridade pode ser definida como o conhecimento que emerge de um contexto particular de aplicação com as suas próprias estruturas teóricas, métodos de pesquisa e modos de prática, mas que não pode ser localizável no repertório disciplinar predominante. No processo de conhecimento transdisciplinar, a integração não é fornecida pelas estruturas disciplinares, mas está previsto desde o início, no contexto de uso, ou de aplicação no sentido amplo especificado anteriormente.¹

A transdisciplinaridade tem quatro características distintas: (1) estruturas que

evoluem para a resolução de problemas; (2) contribuição ao conhecimento; (3) acesso e difusão dos resultados do conhecimento exigem a participação no processo de sua produção; (4) dinamismo. Seu foco está na resolução de problemas e não em estabelecer uma nova disciplina ou uma nova área transdisciplinar.¹ Diante dos problemas da região em que o projeto BTS se insere, as ações do projeto assumiram um caráter transdisciplinar.

2. Indicadores do cenário regional

O projeto BTS assume um compromisso com a realidade, com uma ação consequente, atento aos problemas do entorno onde atua na busca de soluções. E na região onde o projeto atua há muitos problemas.² A Tabela 1 evidencia dados do contexto onde o projeto se insere: a Bahia. Conforme mostra a Tabela 1, a Bahia abriga 7% dos domicílios particulares permanentes do país, mas este percentual aumenta quando são analisados os domicílios ocupados pela população mais pobre do país. Estão na Bahia, 15% dos domicílios com até ¼ de salário mínimo e 10% dos domicílios cuja população informou não ter rendimentos.³

Buscando maior especificidade quanto à região na qual grande parte das ações do projeto se concentra, pode-se dizer que de modo geral estas ações ocorrem sobre tudo no Recôncavo baiano, incluindo vários municípios da Região Metropolitana de Salvador (RMS). A dificuldade em delimitar geograficamente a região de atuação do projeto BTS é também encontrada por estudiosos que se debruçam sobre o desafio de definir o próprio Recôncavo. Segundo Brandão,⁴ “Se respeitados os seus limites históricos e culturais, quarenta municípios compõem o Recôncavo” e Salvador era considerada uma parte desta região até a criação da Região Metropolitana de Salvador, em 1973. Ainda Brandão afirma que:

desde o meado da década de 1970, os textos do Governo Estadual passaram a se

ocupar quase exclusivamente da RMS. E o termo *recôncavo* começou a excluir a própria RMS e os municípios ao norte e oeste desta, reservando-se hoje aquela designação, qualificada como *Recôncavo Sul*, aos municípios ao sul da RMS, acrescentados de

14 municípios ao Sul do Médio Paraguaçu e de parte do vale do Médio Jiquiriçá, alguns já em pleno semi-árido e sem maiores afinidades com o Recôncavo.⁴

Tabela 1. Domicílios particulares permanentes, por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita, 2010.

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Brasil	Região Nordeste (% em relação ao Brasil)	Bahia (% em relação ao Brasil)
Domicílios particulares permanentes	57.324.185 (100%)	14.922.901 (26%)	4.094.405 (7%)
Até 1/4 (Salário mínimo)	5.252.767 (100%)	3.063.595 (58%)	781.072 (15%)
Mais de 1/4 a 1/2 (Salário mínimo)	10.591.130 (100%)	4.005.405 (38%)	1.055.914 (10%)
Mais de 1/2 a 1 (Salário mínimo)	16.441.266 (100%)	4.067.741 (25%)	1.147.119 (7%)
Mais de 1 a 2 (Salário mínimo)	12.551.391 (100%)	1.701.424 (14%)	496.591 (4%)
Mais de 2 a 3 (Salário mínimo)	4.025.026 (100%)	485.355 (12%)	142.537 (4%)
Mais de 3 a 5 (Salário mínimo)	3.056.396 (100%)	383.956 (13%)	112.342 (4%)
Mais de 5 (Salário mínimo)	2.939.438 (100%)	365.670 (12%)	105.364 (4%)
Sem rendimento	2.449.573 (100%)	847.922 (35%)	252.861 (10%)

Fonte: adaptado de IBGE (2010).³

Voltando a atenção para os dados disponíveis para a região da RMS, a Tabela 2 mostra aspectos da realidade dessa região, informando as taxas de desemprego em 2009 e 2010. Enquanto em 2009 o Brasil demonstrou taxa de desemprego de 9,1%, e em 2010, 6,7%; na RMS as taxas foram de 19,4% em 2009, e 16,6% em 2010, com maior proporção de mulheres negras desempregadas.⁵

Embora a região onde o projeto BTS é realizado não seja exatamente a da RMS, nos

locais em que o projeto tem atividades se encontram os mesmos problemas da RMS. É um cenário marcado por forte desigualdade social, abrigando cerca de 3 milhões de habitantes e mais 200 empresas e indústrias. Alguns dos municípios que margeiam a BTS são Salvador; Aratuípe; Cachoeira; Itaparica; Jaguaripe; Madre de Deus; Maragogipe; Nazaré; Salinas de Margarida; Santo Amaro; São Félix; São Francisco do Conde; Saubara e Vera Cruz.

Tabela 2. Taxas de desemprego, em porcentagem, por raça, cor e sexo, na Região Metropolitana de Salvador, em 2009 e 2010

Condição de atividade	Total	População Negra			População Não-negra		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
2009	19,4	20,3	24,4	16,4	13,9	15,9	11,9
2010	16,6	17,3	21,6	13,4	11,6	13,5	9,8

Fonte: MTE (2011).⁵ Nota: População de raça/cor negra = negros e pardos; População de raça/cor não-negra = brancos e amarelos.

A Tabela 3 revela em maior profundidade o cenário social, econômico e educacional da região. O produto interno bruto (PIB) *per capita* é um retrato das desigualdades: R\$ 217.150,00 em São Francisco do Conde, e R\$ 2.580,00 em Aratuípe. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) também atesta as desigualdades, atingindo o valor de 0,805 em Salvador em contraposição com 0,604 em Jaguaripe. Quando nos voltamos para os dados relativos à educação, vemos que há municípios, a exemplo de Aratuípe e Jaguaripe, nos quais cerca de 35% da população acima de 15 anos é analfabeta.

Os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para a rede pública mostram que nas séries iniciais (1 a 4ª) o município de Vera Cruz atingiu apenas nota 3,0 e nas séries finais (5 a 8ª), 2,5. Nenhum dos municípios atingiu, no IDEB, nota superior a 4,8 nas séries iniciais, nem acima de 3,4 nas séries finais do ensino fundamental.

Foi este cenário que mobilizou a equipe do projeto BTS a realizar as atividades de extensão. Estas atividades foram realizadas principalmente pelos eixos que representava as ações do Ambiente Humano do projeto – inicialmente composto pelos Eixos de Artes e de Educação, com posterior criação do Eixo de História e Cultura. As atividades do Eixo de

Arte serão apresentadas em artigo científico deste mesmo número da revista e, portanto, não serão detalhadas aqui.

Do ponto de vista de apoio às atividades de extensão, um passo importante foi dado por meio do Decreto nº 7.416, de 30 de dezembro de 2010,⁹ que regulamentou os artigos 10 e 12 da Lei nº 12.155, de 23 de dezembro de 2009, tratando da concessão de bolsas para desenvolvimento de atividades de ensino e extensão universitária.

As ações de extensão dos Eixos de Educação e de História e Cultura voltaram-se principalmente para divulgação científica e para formação de pessoal. Dentre as ações de divulgação científica citam-se: (i) implementação, junto com o INCT Energia e Ambiente, do projeto PROVOC, em que pesquisadores realizaram uma série de experimentos com alunos de uma escola estadual de nível médio objetivando o despertar da vocação científica (Figura 1a); (ii) realização de oficina de experimentos de química aberta ao público no município de Vera Cruz (Figura 1b); (iii) preparo e distribuição de kits “pH do Planeta” para medida de pH da água, em parceria com a SBQ Regional Bahia (Figura 1c); (iv) preparo de cartilhas educativas; (v) realização do documentário “A Exaltação Festiva da Mestiçagem: o Caboclo de Itaparica”.

Tabela 3. Principais índices e indicadores selecionados para os municípios

	População (2011) ^a	IDH (2000) ^a	PIB per capita (2006) ^b	I. Gini (2003) ^b	Matriculas (2009) ^b	IDEBS rede pública 4ª série (2009) ^c	IDEBS rede pública 8ª série (2009) ^c	Analfabetismo acima de 15 (%) (2000) ^d
Aratuípe	8.616	0,611	2580	0,44	2685	4,3	3,4	35,0
Cachoeira	32.150	0,681	4876	0,42	9643	3,3	2,5	20,0
Candeias	83.647	0,719	26845	0,41	18052	3,5	2,8	13,3
Itaparica	20.862	0,712	3442	0,41	5019	3,2	2,6	13,7
Jaguaripe	16.701	0,604	3171	0,43	5493	4,8	2,8 (2007)	34,0
Madre de Deus	17.786	0,740	9401	0,41	5222	4,3	3,3	7,8
Maragogipe	42.967	0,634	3588	0,45	11482	3,3	2,6	30,2
Nazaré	27.365	0,676	3607	0,43	8264	3,5	2,6	21,8
Salinas de Margarida	13.692	0,659	4144	0,37	4081	3,6	2,9	13,9
Salvador	2.693.605	0,805	8870	0,49	484649	3,6	2,7	5,8
Santo Amaro	57.890	0,684	3514	0,44	14868	3,3	3,0	16,4
São Félix	14.129	0,657	3846	0,43	3989	3,0	2,6	21,6
São Francisco do Conde	33.713	0,714	217150	0,42	4187	3,5	2,8	14,7
Saubara	11.278	0,672	3861	0,38	3412	3,8	2,6	17,7
Simões Fº	119.759	0,730	19583	0,41	29083	3,4	2,6	10,8
Vera Cruz	38.167	0,704	4263	0,45	10593	3,0	2,5	15,1

Fonte: ^a CNM (2012);⁶ ^b IBGE (2010);³ ^c MEC (2012);⁷ ^d Ministério Público do Paraná (2012).⁸



(a)



(b)



(c)

Figura 1. Ações extensionistas do projeto BTS. (a) uma atividade do projeto PROVOC; (b) oficina de experimentos de química aberta ao público; (c) preparo de kits pH do “Planeta”.
Fotos: Núbia Ribeiro e Patrícia Borges

As cartilhas educativas foram preparadas principalmente para educação ambiental totalizando oito volumes, voltados (Figura 2). Os volumes da coleção têm os

seguintes títulos: água; zona costeira; pesca; lixo; poluição; contaminantes emergentes; espécies exóticas e invasoras; ciclo de vida. As cartilhas foram elaboradas com a colaboração de alunos de cursos de graduação e pós-graduação, em conjunto com pesquisadores. O principal público-alvo

das cartilhas foram alunos de ensino médio de escolas da rede estadual de educação, porém elas foram utilizadas também pela organização não governamental Pró-Mar que atua junto a comunidades pesqueiras realizando ações de educação ambiental.



Figura 2. Coleção cartilhas: capa e alguns de seus números

Destaque especial merece ser dado à elaboração do documentário A Exaltação Festiva da Mestiçagem: o Caboclo de Itaparica, tendo como autores Gabriel Teixeira, Gal Meirelles e Milton Moura (Figura 3). O trabalho reconstitui a comemoração da independência de Itaparica em torno da atuação do grupo Os Guaranis,

que desde 1939 se tornou o principal guardião da festa do Caboclo Tupinambá. O grupo Os Guaranis é um símbolo do desfile que acontece anualmente na cidade, no dia 07 de janeiro. O caboclo é um mestiço que arremata traços do índio, do africano e do português, sendo reconhecido como um ancestral heroico pelos itaparicanos.



Figura 3. Filmagem do documentário. A Exaltação Festiva da Mestiçagem: o Caboclo de Itaparica. Fotos: Gal Meirelles

No que se refere às atividades de formação de pessoal, basicamente foram realizadas as seguintes ações: (i) curso de especialização em segurança, meio ambiente e saúde para profissionais que atuassem em empresas na região da BTS; (ii) oficinas de produção textual para docentes da rede municipal de educação de Vera Cruz, que serão detalhadas em próxima seção; (iii) oficinas de fotografia realizadas por meio do projeto Meu Lugar vê o Mundo; que também serão detalhadas em próxima seção.

O curso de especialização para profissionais de empresas localizadas na

região da BTS, com 40 vagas, sobre Segurança, Meio ambiente e Saúde, teve como docentes os pesquisadores do projeto BTS e profissionais com grande experiência em empresas do Polo Petroquímico de Camaçari (Figura 4). Como resultado desta ação, além da formação dos especialistas, está sendo publicada uma coletânea dos melhores trabalhos dos alunos. Salienta-se que, em consequência ao trabalho de conclusão de curso de uma das alunas empregada na Petrobrás, a empresa criou um programa de educação ambiental numa região da BTS.



Figura 4. Cartaz e foto da turma do curso de especialização em segurança, meio ambiente e saúde. Foto: Núbia Ribeiro

3. Educação para relação digna com a vida

Conforme constatado por meio dos dados apresentados na seção anterior deste artigo, dentre os municípios no entorno da BTS Vera Cruz é um dos que têm problemas mais graves no que se refere a indicadores educacionais. Assim sendo, foi proposta uma ação – inserida no projeto BTS e denominada “Oficinas para Produção Textual” – com a perspectiva de capacitar cinquenta docentes da Rede Municipal de Educação deste

município para atuarem na produção de textos junto aos alunos da referida rede. A proposta concentrou-se em produção textual devido à problemática – verificada pela Secretaria Municipal de Educação – de baixo nível de escrita e leitura dos alunos. Na implementação do projeto, as oficinas foram oferecidas com carga horária total de 30 horas, das quais 24 horas presenciais e 6 horas de atividades extraclasse. Aconteceram aos sábados, das 14 às 18h, na Biblioteca de Mar Grande (Figura 5), tendo como ministrantes a Profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro de Araújo e o Prof. Dr. Igor Rossoni.



Figura 5. Cartaz de divulgação para inscrição nas Oficinas de Produção Textual

O objetivo das oficinas foi a instrumentalização dos professores para um melhor desempenho de suas funções para a produção de textos e à capacidade de orientar seus alunos, elevando o padrão de resposta dos mesmos na escrita de textos com mais habilidades linguísticas e no atendimento, de forma mais competente, às

exigências da norma culta da Língua Portuguesa. Foi também objetivo das oficinas a publicação de um livro coletivo com as produções dos professores. Essa ideia, após um longo processo de correções, formatação, escolha da capa, e impressão, realmente se concretizou (Figura 6).¹⁰



Figura 6. Capa do livro, publicado em 2012, resultado das oficinas

A primeira oficina de produção textual ocorreu, conforme calendário estabelecido, no dia 02/10/2010 (Figura 7). Nela foram entregues o programa, o cronograma de aulas e textos a serem utilizados ao longo dos encontros. Foi delimitado o tema central para a produção de textos: a memória relacionada

a aspectos do lugar onde vivem – tema que emergiu dos relatos orais de todos os presentes. Ressalta-se que, desde o início, ficou evidenciada a complexidade de atuação dos professores no município, com vários distritos distantes entre si, distribuídos pela Ilha de Itaparica, cuja dificuldade de

transporte é conhecida pelos moradores. Muitos dos professores moravam em um

distrito e lecionavam em outro, vivenciando diariamente os problemas de deslocamento.



Figura 7. Fotos da 1ª Oficina realizada no dia 02\10\2010. Fotos: Conceição Araújo e Núbia Ribeiro

Inicialmente os textos foram produzidos em grupo e aprimorados nas discussões em sala. Para elaborá-los, a ministrante sugeriu que os participantes pensassem em suas localidades como importantes geografias territoriais, políticas e culturas que formam um todo coletivo que, na região, se denomina popularmente de “Ilha”, mas que constituem idiosincrasias bastante complexas. Os próprios participantes notaram que estas particularidades precisam ser discutidas por seus moradores a partir da história local que, inevitavelmente, remonta a um resgate da memória individual e coletiva dessas comunidades.

A partir dos títulos de alguns dos textos, listados a seguir, constatam-se muitas das preocupações cotidianas dos professores, seus anseios e suas esperanças: “O professor faz a diferença” (Figura 8), “Experiências de leitura e escrita”, “Nossas experiências: ler e escrever”, “Rumo ao mundo da leitura e escrita”, “Memória de leitura e escrita”,

“Recordando nossas histórias”, “Memórias do nosso aprendizado”, “Como aprendi a ler e escrever” e “As vivências do ler e escrever”.

Curiosa é a constatação de que a maioria das narrativas revela o quanto foi penoso o percurso de aprendizado de cada um deles. Estas narrativas revelaram também muitas histórias de punição e tortura durante o processo educativo individual e coletivo: para muitas daquelas professoras – a maioria dos participantes das oficinas eram mulheres –, aqueles encontros foram momentos de profunda reflexão sobre o modo como se alfabetizaram e sobre como, em muitos momentos, reproduziam modelos que repudiavam. Assim, renovaram suas forças no sentido de reforçarem coletivamente a ideia de uma escola que realmente tenha como alicerce fundamental o respeito e a tolerância e que, particularmente, incentive a cultura da não violência promovendo atividades que propiciem o encontro fraterno

entre docentes, funcionários, discentes e pais.

Como estratégia metodológica de aprendizado, foi sugerido que a ministrante apresentasse, valendo-se de projetor

multimídia, os aspectos que ela observou nos textos produzidos em cada oficina bem como as observações posteriores feitas pelos grupos que corrigiram estes textos.

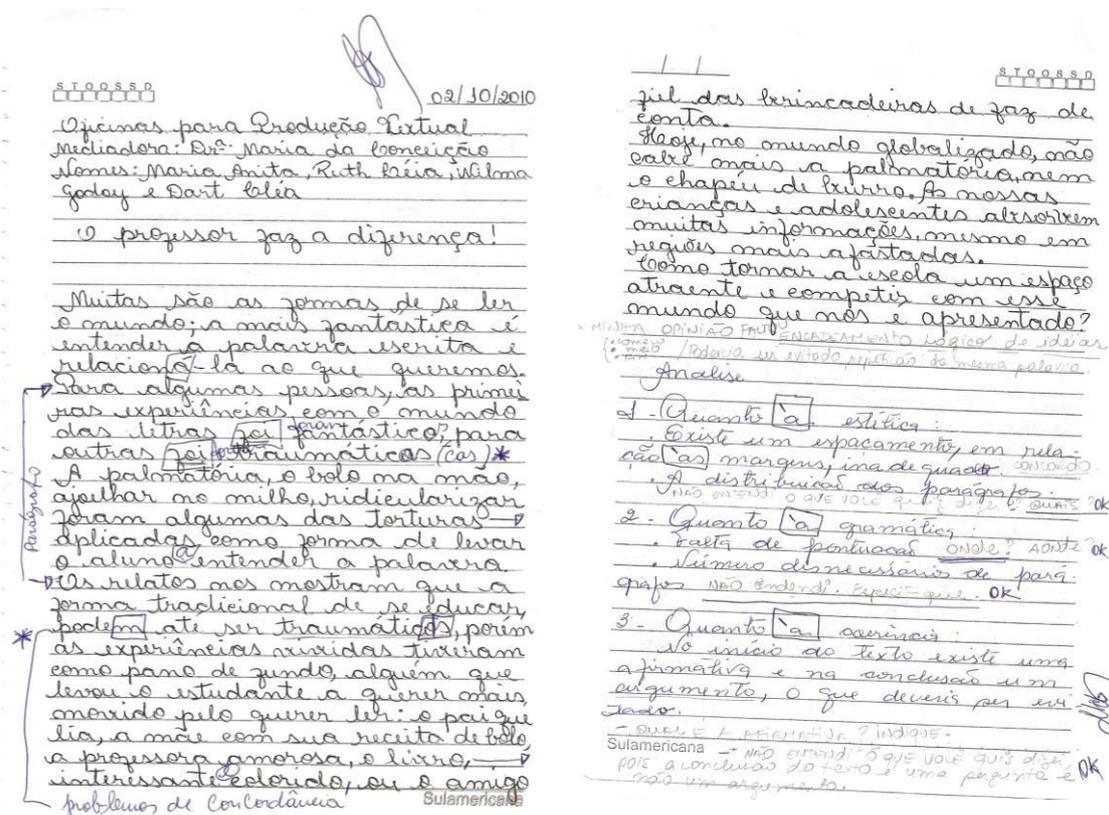


Figura 8. Texto produzido em grupo nas oficinas

Os participantes avaliaram o método utilizado para a digitalização dos textos, após as correções e posterior apresentação dos problemas encontrados por toda a turma. Eles concluíram que muitas das dificuldades encontradas para a produção textual não dizem respeito apenas a um ou a outro professor, mas são questões coletivas que indicam problemas da própria formação profissional.

À medida que os textos foram revisados conforme descrito acima, orientações individualizadas foram oferecidas. Este foi um momento ímpar, no qual a ministrante constatou, em cada texto produzido, uma infinidade de informações desconhecidas de

boa parte dos moradores da Ilha. Eram memórias guardadas no íntimo de cada um daqueles sujeitos, memórias que precisavam ser acessadas e compartilhadas, recuperando histórias coletivas desconhecidas ao mesmo tempo em que promoviam a “tomada de consciência” da própria identidade por estes sujeitos.

Por fim, no último encontro, foi realizada uma revisão dos textos, com a proposta de que os autores resolvessem os problemas encontrados, inclusive questões de normalização para publicação. Ao final, vinte e dois participantes entregaram suas narrativas, a partir do resgate da história das comunidades, localizadas em Vera Cruz, onde

nasceram ou vivem, ou, ainda, onde ministram aulas. Estes textos foram reunidos no livro “Vera Cruz: nas letras da docência” (Figura 8). Do ponto de vista da contribuição local, observou-se maior domínio dos participantes no que se refere à produção textual.

4. A imagem como representação e transcendência da matéria

Em maio de 2009, em Botelho, comunidade da Ilha de Maré, um grupo de pesquisadores e dois adolescentes moradores da comunidade – Bruna Bonfim e Jailson Monteiro, respectivamente 16 e 18 anos –, organizavam equipamentos de pesquisa em Química atmosférica. Para fotografar a pesquisa em campo, acompanhando o grupo de jovens químicos, havia uma antropóloga que, nos intervalos, conversava com os moradores do local. Dos filtros, colunas, tubulações e equipamentos específicos da pesquisa (Figura 9), o interesse voltou-se para as máquinas fotográficas: “E se pudéssemos fotografar o mundo?” E foi assim, deste instante de utopia, que nasceu a ideia do projeto Meu Lugar vê o Mundo.

Da utopia se fez realidade e, cerca de trinta meses depois, o projeto Meu Lugar vê o Mundo foi transformado em ação. Tendo iniciado em março de 2012, o projeto já ofereceu curso de fotografia para setenta e oito jovens de três das dez comunidades de Ilha de Maré. Por intermédio das oficinas de fotografia, esses jovens entram em contato com o mundo e passam a olhar e ver o próprio mundo – e a representá-lo – com o auxílio do pequeno *display* das câmaras fotográficas. Assim, o Eixo de História e Cultura começou a realizar uma atividade prioritariamente extensionista, mas cujos resultados apresentam elementos representativos dos grupos humanos que habitam a ilha. Por meio de cerca de dez mil fotografias que já compõem o acervo do projeto, é possível perceber as relações que tais grupos desenvolvem com o meio, como agenciam estratégias de organização grupal, a pertinência de traços sócio-históricos e étnicos bem como representações de atividades culturais e econômicas. A partir de análises interpretativas das fotografias dos mundos cotidianos que cercam os participantes do projeto Meu Lugar vê o Mundo, é possível compreender e explicar as configurações antropológicas nas quais estão inseridos.



Figura 9. Materiais e equipamentos de pesquisa em Química atmosférica montados na laje de uma residência em Botelho, Ilha de Maré. Fotos: Gal Meirelles

Em Ode – poema de homenagem à personalidade ou lugar, publicado em 1705 –, Manoel Botelho de Oliveira louva as maravilhas e belezas da Ilha de Maré, comparando-a com uma concha: ou seja, feita por fora, mas encantadoramente imprevisível

por dentro, por ser capaz de gerar pérolas.¹¹ Do século XVI para os dias atuais, ainda que a Ilha de Maré, uma das muitas localizadas na Baía de Todos os Santos, continue abraçada por Netuno, muita coisa mudou em sua configuração socioambiental. Certamente

dispõe hoje de uma população bem maior do que a do período de Manoel Botelho, são cerca de 12.000 habitantes que se dividem entre dez comunidades, entre elas, a de Botelho, cujo topônimo homenageia o poeta barroco.¹²

A partir da perspectiva observada pelos participantes do projeto, eles relatam que o crescimento da população, um crescimento desordenado para as áreas de Mata Atlântica, contribui para a manutenção da pobreza e a degradação ambiental. Além disso, a proximidade com o porto de Aratu, na parte leste, e com a refinaria Landolfo Alves - Mataripe (RLAM) mais ao norte, ao longo de décadas tem acarretado transtornos ambientais. Por outro lado, as políticas públicas implantadas em áreas de remanescentes quilombos, haja vista a Ilha de Maré conter três destas áreas, pouco resultaram na melhoria de vida dos moradores.¹² O convívio cotidiano com a população local evidencia o descaso sobretudo no que se refere aos transportes, uma vez que a população não dispõe de acessibilidade ao continente: as embarcações que se deslocam do pequeno Porto de São Tomé de Paripe, em Salvador, para a ilha têm horários escassos e condições precárias.¹³ Além disso, os doze mil habitantes contam apenas com um posto médico localizado na comunidade de Praia Grande, a mais populosa da ilha, entretanto os médicos só trabalham até às 15 h e em dias chuvosos têm dificuldades de chegar à ilha. Outro problema grave são os resíduos sólidos e os esgotos domésticos, a coleta não é regular e o lixo é depositado em lugares impróprios – inclusive no mar, ademais os esgotos correm a céu aberto onde crianças brincam e, por vezes, coletam o alimento diário.

Ainda na perspectiva dos pesquisadores que estão atuando na ilha, este cenário de degradação ainda não abarca todos os problemas do local. Tais questões se agigantam frente às dificuldades de articulação sociopolíticas enfrentadas pelos grupos e lideranças comunitárias. Com vistas a “lutar por melhores condições de vida”, houve uma institucionalização de

associações, cooperativas e outras entidades da sociedade civil organizada: são quase trinta delas em Ilha de Maré, algumas das quais ligadas diretamente a instituições religiosas católicas e protestantes. Entretanto, mesmo com este número, pouco tem sido alcançado quanto ao respeito aos direitos de cidadania dos habitantes locais. As disputas entre as instituições, ao que parece, refletem disputas históricas enfrentadas entre as comunidades, sendo a violência entre elas o fator de maior preocupação apontado nos questionários aplicados aos participantes do projeto Meu Lugar vê o Mundo. Diante deste cenário, como então, organizar um projeto de extensão que atendesse as demandas das comunidades? Como realmente saber quais eram elas? Como transformar resultados de pesquisa em ações que resultassem, efetivamente, em atividades concretas e relevantes para quem participasse do projeto? Como compatibilizar uma metodologia de autorepresentação por meio de fotografias com um cronograma exequível?

Partindo de todos estes questionamentos, foi amadurecida a ideia inicial surgida naquele dia de maio, em Botelho. No Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA) reuniram-se no campus Salvador, em 2010, as coordenadoras dos Eixos de Educação, de História e Cultura do Projeto BTS com as agentes da Produtora Baluart, e representantes da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados (FAFEN), uma unidade operativa da PETROBRAS, que desenvolvem ações no porto de Aratu. Estruturaram-se em conjunto as diretrizes iniciais do projeto. De acordo com conceitos de representação social, compreendido como a possibilidade de determinado grupo se autorepresentar,¹⁴ construiu-se um projeto em que os jovens de ilha de Maré pudessem utilizar a fotografia para representar seus mundos e o modo como os enxergam. Assim, foram traçadas estratégias para que, por meio das ações do projeto, as comunidades pudessem construir e obter uma representação comum à Ilha de Maré. A partir dessas diretrizes, delineou-se o projeto em etapas: oficinas de fotografia digital, montagem do banco de imagens e

exposição fotográfica ao final do projeto (Figura 10).

Na sua implementação, o projeto tem oferecido um curso básico de fotografia digital composto por 40 horas de atividade, ministrado por fotógrafos para as comunidades de Ilha de Maré. Desde o início de 2012, estão sendo formadas turmas nas diversas comunidades, e serão totalizadas dez turmas, perfazendo um total de 400 h de aulas ministradas. Cada turma assiste a dez encontros de 4 h, que compreendem elementos práticos e teóricos subdivididos em três etapas cujo mote é a composição *Ilha*

de Maré, de Walmir Lima. Na primeira etapa, “*Eu vim de ilha de Maré*”, os participantes apreendem os conceitos técnicos da imagem digital e se dedicam à reconstrução da memória pessoal, por meio do registro das famílias; na segunda etapa, “*E segui na direção*” se dedicam a fotografar temas, motivos e cenas que representem a ilha; na terceira, “*Com águas, flores e perfumes*”, são selecionadas as fotos de cada participante para a composição do acervo que possibilitará, entre outras ações, contar a história de Ilha de Maré.



Figura 10. Materiais de divulgação do projeto Meu Lugar vê o mundo

As oficinas estão estruturadas em atividades de captura de imagens e organização de acervos, em seleção de fotos para a exposição e sua montagem em cada uma das comunidades, e uma oficina em Salvador, momento em que os participantes conhecem uma loja de revelação de fotografias. Tais etapas objetivam a que os participantes conheçam, ainda que de forma sumarizada, os processos de captura, armazenamento, revelação e exposição da imagem. Após as saídas para captura de imagens, ao retornarem para a sala, os cartões de memórias das câmeras são descarregados, são abertas pastas individuais e em cada uma, abrem-se subpastas que contém os temas fotografados. Os mais

comuns são pessoas, objetos, animais, paisagens e fazeres. Durante as 40 h das oficinas, as câmeras são disponibilizadas aos participantes, mediante a assinatura de um termo de responsabilidade. Em geral, o local de realização das aulas é uma associação de moradores ou mesmo uma instituição pública com espaço disponível.

O acervo do projeto, por intermédio de “[...] representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”,¹⁴ apresenta possibilidades de interpretação das práticas socioculturais contemporâneas singulares da ilha de Maré e, conseqüentemente, de uma parcela da população da BTS. Entretanto, como seria

inviável a sistematização e armazenamento de todas as fotografias – visto que em média cada participante produz cerca de 300 fotos – após cada oficina, os orientadores selecionam entre 10 e 15 imagens que passam a compor o portfólio do participante. Uma das oficinas é a leitura do portfólio de cada participante: as imagens que compõem o acervo passam por uma curadoria, cada turma conta com a participação de um fotógrafo profissional atuante na Bahia que durante 4 h lê e comenta as fotos do acervo, para, ao final, selecionar apenas uma imagem a ser usada na exposição local. Desta maneira, após as 40 h, o participante produz um ensaio fotográfico entre 10 e 15 imagens que serão reveladas digitalmente e expostas no *blog* do projeto,¹⁵ com os respectivos nomes e indicação da comunidade. De imediato, uma destas imagens integra a exposição realizada como resultante das atividades na instituição onde foi ministrado o curso. A comunidade de Botelho, por exemplo, contou com 21 fotos emolduradas, em formato 30 x 40, na Exposição Botelho Vê o Mundo que ficou por 30 dias exposta à visitação pública. Após este período, as fotografias são entregues aos seus respectivos autores.

Todas as etapas integram o curso: o processo de seleção, a leitura de portfólio, a revelação digital, a montagem da exposição e a organização do coquetel de abertura onde são recepcionados familiares e amigos dos participantes. Como as oficinas são realizadas em Ilha de Maré, onde não há lojas de revelação de fotografias, para acompanhar esta etapa, os participantes são transportados para Salvador e conduzidos a uma loja apoiadora do Projeto, como já foi dito. Durante as 2 h que ali permanecem, eles conhecem elementos técnicos da fotografia e ouvem explicações sobre tipos de equipamentos, acompanham as atividades de revelação digital e presenciam as etapas de impressão, laminação e acabamento de imagens, bem como as etapas de emolduramento e encadernação de álbuns fotográficos. Nesta atividade, os participantes recebem as imagens do acervo reveladas em formato 10x15 e assinam a fotografia

selecionada que integrará a exposição. Os comentários sobre esta etapa são diversos, entretanto todos revelam surpresa e amadurecimento no que tange à compreensão da fotografia como produto mercadológico e, ao mesmo tempo, como elemento de agregação sociocultural.

Quando tais etapas foram idealizadas como parte do curso, o objetivo era que os jovens cursistas aguçassem a curiosidade e pudessem vislumbrar a fotografia como uma possibilidade profissional nas suas mais diversas ramificações, quer sejam nos processos de captura, de armazenamento, de revelação ou de divulgação. Porém, compreende-se que apenas 40 h de atividades são insuficientes para uma formação profissional adequada e estão sendo buscadas possibilidades de oferecer outras etapas de formação para os que assim desejarem.

No decorrer da realização do projeto, de início surgiram os desafios no que tange à sensibilização do olhar para aspectos locais, despertando nos participantes o interesse para atividades artísticas e culturais que agregam valor econômico e podem funcionar como possibilidade real de renda. Uma vez finalizada a primeira etapa do projeto com previsão de formação de 100 jovens, dos quais obtivemos 78 com o curso finalizado, agora será organizado o acervo, montado um *flirck*, que acoplado ao *blog* divulgará o projeto com vistas a disponibilizar para comercialização as imagens selecionadas. Outra etapa importante é a viabilização do contato destes jovens com o equipamento para que continuem fotografando, selecionando e armazenando imagens que serão utilizadas para a Exposição Meu lugar vê o Mundo, a ser composta por uma imagem de cada participante do projeto. Os produtos que tais imagens poderão originar são os mais diversos, mas de certo representarão aspirações individuais e coletivas dos habitantes de Ilha de Maré.

5. Considerações finais

O tripé no qual se assentam as atividades finalísticas das instituições de ensino superior (IES) – ensino, pesquisa e extensão – tem tendido ao estabelecimento de uma equidade entre seus pilares.

Embora a razão de ser das IES seja prioritariamente o ensino, sem o qual estas transformam-se em institutos de pesquisa ou em instituições extensionistas, e a pesquisa venha se consolidando desde a década de 1950, quando o sistema de ciência e tecnologia brasileiro entrou numa fase de maior estruturação, observa-se o crescimento de atividades extensionistas. Isto pode ser atribuído, entre outros fatores, ao diálogo das IES com diferentes setores da sociedade.

Pode-se dizer que um ponto de inflexão no olhar das IES em relação às atividades extensionistas ocorreu em 1998 quando foi elaborado o Plano Nacional de Extensão Universitária. Esta inflexão também contou, como alicerce, com os movimentos sociais que evidenciaram a cultura e os saberes populares como elementos de constituição da cidadania e demandantes de atenção das IES.

Alinhadas com essa tendência de aprofundamento das ações extensionistas, verifica-se que diversas ações do projeto BTS se enquadram nas categorias descritas no marco legal da área, o Decreto 7416/2010. No artigo 7º do referido decreto são relacionadas às atividades consideradas de extensão: **programa** (conjunto articulado de projetos e ações de médio e longo prazos, cujas diretrizes e escopo de interação com a sociedade, no que se refere à abrangência territorial e populacional, se integre às linhas de ensino e pesquisa desenvolvidas pela instituição, nos termos de seus projetos político-pedagógico e de desenvolvimento institucional); **projeto** (ação formalizada, com objetivo específico e prazo determinado, visando resultado de mútuo interesse, para a

sociedade e para a comunidade acadêmica); **evento** (ação de curta duração, sem caráter continuado, e baseado em projeto específico); **curso** (ação que articula de maneira sistemática ensino e extensão, seja para formação continuada, aperfeiçoamento, especialização ou disseminação de conhecimentos, com carga horária e processo de avaliação formal definidos).⁹

As ações de extensão do projeto BTS desempenham papel fundamental, não só pelo diálogo com diversos setores da sociedade, mas porque, também, tornou-se evidente que a prática extensionista leva os praticantes a desenvolverem tolerância, capacidade de superação de conflitos e a criação de áreas de consenso. Assim, além das consequências diretas das ações realizadas em conjunto com comunidades, jovens, docentes de redes municipais etc, uma consequência indireta foi a criação de um ambiente de buscas de convergências e solidariedade entre os membros das IES, superando a tendência ao isolamento e à fragmentação tão próprios destas instituições.

Uma questão que está presente na consciência de todo agente de ações extensionistas é o impacto delas. Seria relevante realizar uma oficina de experimentos em uma escola com menos de 40 alunos? Não seria isto apenas “perfumaria” diante de um quadro que requer higiene mais profunda? Não há respostas “corretas” para estas questões. Mas algumas das que já surgiram nas discussões entre os que atuam no projeto BTS apontam para alguns princípios que norteiam as atividades de extensão no projeto BTS:

1. **Agir localmente:** mesmo ciente do panorama geral – cuja transformação em geral transcende o âmbito de atuação do projeto –, fazer aquilo que está ao alcance de cada um, com ética e solidariedade.

2. **Respeitar os saberes:** o papel do conhecimento científico e dos saberes populares no conjunto de uma sociedade é

reconhecido sem estabelecimento de hierarquização entre eles, sem misturá-los, sem buscar torna-los a mesma coisa. A plena consciência de que ambos conhecimentos (e os demais: conhecimento filosófico, artístico, técnico e outros) são necessários para a composição plena de um povo, imbuí cada um dos participantes do respeito na interação com os ambientes onde o projeto BTS desenvolve atividades.

3. **Construir parceria:** a partir da observação de que várias comunidades mostravam-se desconfiadas quanto às atividades de representantes das IES – já que em alguns casos relatavam que se sentiam usadas por eles –, nas atividades do projeto BTS busca-se sempre elaborar os planos de ação em conjunto com as comunidades e devolver a elas os produtos ou as informações resultantes das atividades realizadas.

4. **Favorecer a autonomia:** não é perdida de vista a perspectiva de agir apoiando os parceiros onde as atividades são realizadas, mas simultaneamente criando condições de autonomia para eles. Na medida do possível, as atividades procuram prever como resultado produtos que contribuam para a autonomia intelectual e econômica das comunidades.

Neste artigo foi, portanto, relatado o conjunto das atividades de extensão do projeto BTS, detalhando algumas mais relevantes. Espera-se que o relato motive outros grupos a aventurar-se por estes mares que conduzem os viajantes às mais inesperadas e belas paragens.

Referências Bibliográficas

¹ Gibbons, M.; Limoges, C.; Nowotny, H.; Schwartzman, S.; Scott, P.; Trow, M.; *The New Production of Knowledge. The Dynamics of Science and Research in Contemporary Societies*, Sage: London, 1994. [\[Link\]](#).

² IBGE. *Sinopse do Censo Demográfico*. 2010. [\[Link\]](#)

³ Brandão, M. A. *Recôncavos*, 2007, 1, 54. [\[Link\]](#)

⁴ IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Desemprego e desigualdade no Brasil metropolitano. *Comunicados do Ipea*, 2011, 3. [\[Link\]](#)

⁵ MTE. Ministério do Trabalho e Emprego. *Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de Salvador*. 2011. [\[Link\]](#)

⁶ CNM. *Confederação Nacional dos municípios*. Municípios. [\[Link\]](#)

⁷ MEC. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). *Portal IDEB*. [\[Link\]](#)

⁸ Ministério Público do Paraná. Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça de Proteção à Educação. *População municipal de pessoas não alfabetizadas com 15 anos ou mais de idade e Taxa municipal de analfabetos com 15 anos ou mais de idade*. 2000. [\[Link\]](#)

⁹ Brasil. *Decreto No 7.416*, de 30 de dezembro de 2010. [\[Link\]](#)

¹⁰ Meirelles, M. G. C.; Rossini, I.; Araújo, M. C. P.; *Vera Cruz: nas letras da docência*, IFBA: Salvador, 2012.

¹¹ Oliveira, M. B. Em *Poesia Barroca*; Ramos, P. E. S., ed.; Melhoramentos: São Paulo, 1967.

¹² Programa Brasil Quilombola, criado em 2005 e coordenado pela Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial - Seppir. [\[Link\]](#)

¹³ Almeida, R. O.; *Caderno Ambiental de Ilha de Maré*. Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE), Núcleo de Publicação: Salvador, 2011.

¹⁴ Chartier, R. *Estud. Av.* 1991, 5, 177. [\[CrossRef\]](#)

¹⁵ Blog Projeto Meu Lugar vê o Mundo. Disponível em: <http://meulugarveomundo.blogspot.com.br/> <>. Acesso em: 26 setembro 2012.

